

As portas de *Luuanda*

Ana Paula Tavares

... a porta que era preciso abrir
para chegar o ar limpo
e o sol quente outra vez...

José Luandino Vieira, *Luuanda*

Dormem os homens às portas de *Luuanda*
a mais bela

porque se fecharam as portas
e chegaram as máquinas
para desfazer a cidade.

Diante das portas de *Luuanda*
pessoas, gritos, sonhos
estão agora mudos e quietos
debaixo do calor aceso da cidade

Chegaram as máquinas
para abrir o ventre vermelho da cidade
acordar o sono dos antigos
mudar o sentido da rosa-dos-ventos.

A memória ferida de *Luuanda*
escorre um mel espesso de lembranças
como os passos dos miúdos

pelas areias soltas do museke.
As máquinas entraram dentro da cidade
pela raíz
fundaram uma rede de caminhos novos
longe dos cajueiros e das árvores de protecção
Os seres da água partiram
antes das portas se fecharem
antes das vinte portas se fecharem
em cada porta um segredo
para cada porta uma palavra
O coração de *Luuanda*
já não bate virado para a baía
uma cicatriz de lama
que não cura
salpica de sangue as antigas veias
da cidade.
Os barcos do mundo fecham
a última porta
deixando um vento gelado
afastar os passos dos monas
a voz das mães
para longe de Luuanda
João–Via–Rápida está sentado
e fuma
debaixo da última mulemba
um silêncio branco
mora em cada esquina
e pesa sobre o barulho das máquinas
que devoram a cidade
as portas da fala estão agora mudas
enquanto os pássaros engordam na garganta da cidade

Uma noite inocente
deita água sobre as feridas
e leva
“à porta que é preciso abrir
para chegar ao ar limpo

e ao sol
outra vez”

Lisboa, Setembro de 2005